

A RELAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL (CEGUEIRA E BAIXA VISÃO) COM O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ACADÊMICO

THE RELATION OF THE PERSON WITH VISUAL DISABILITY (BLINDNESS AND LOW VISION) WITH THE TEACHING LEARNING PROCESS IN THE ACADEMIC ENVIRONMENT

UNA RELACIÓN DE PERSONAS CON DISCAPACIDADES VISUALES (CIEGA Y BAJA VISIÓN) CON EL PROCESO DE APRENDIZAJE APRENDIZAJE EN EL ENTORNO ACADÉMICO

Fernando BUZZI¹ | Fernanda DALONSO²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo identificar a relação existente entre a pessoa com deficiência visual e o processo de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico a partir de sua percepção sobre essa relação. Serão apresentados relatos de pessoas com deficiência visual e suas relações com o ambiente acadêmico; norteando-se pela convicção de que o processo de humanização se inicia quando enxergamos o outro como um indivíduo e não pelas suas deficiências. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas com questionário semiestruturado e, analisando-se os resultados obtidos, foi constatado que as dificuldades no processo de ensino aprendizagem da pessoa com deficiência visual se apresentam não na perspectiva conteudista, mas, sobretudo nas questões relacionais.

Palavras-Chave: Deficiência visual. Processo. Aprendizagem.

ABSTRACT: This study aims to identify the existing relationship between a person with visual disability and the process of teaching-learning in the academic environment from their perception of such relationship. Reports of people with visual disabilities and their relations with the academic environment will be presented guided by the conviction that the process of humanization begins when the other is seen as an individual and not for their deficiencies. Data were collected through interviews with a semi-structured questionnaire and, by analysing the results obtained, it was verified that the difficulties in the learning process of the person with a visual disability are presented not in a contents perspective, but mainly in relational issues.

Keywords: Visual Disabilities. Process. Learning.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo identificar la relación entre la persona con discapacidad visual y el proceso de enseñanza-aprendizaje en el entorno académico desde su percepción de esta relación. Se presentarán informes de personas con discapacidad visual y su relación con el entorno académico; guiados por la convicción de que el proceso de humanización comienza cuando vemos al otro como un individuo y no por sus deficiencias. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas con un cuestionario semiestruturado y, al analizar los resultados obtenidos, se encontró que las dificultades en el proceso de enseñanza del aprendizaje de personas con discapacidad visual no se presentan en la perspectiva del contenido, sino principalmente en cuestiones relacionales.

Palabras clave: discapacidad visual. Proceso. Aprendizaje.

Submetido em:04/01/2019

Aceito em:28/12/2019

¹Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).E-mail: fernando.buzzi@hotmail.com

²Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (UNIVALLE). Graduada em Psicologia pela Associação Catarinense de Ensino - Joinville - SC (2005). E-mail: fernandadalonso2014@gmail.com

INTRODUÇÃO

O intuito de descrever sobre a relação da pessoa com deficiência visual (cegueira e baixa visão) com o processo de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico é compreender qual a percepção obtida pela pessoa acerca dos métodos de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico, desde a metodologia utilizada pelos professores, até sua relação com eles. Observando quais os pontos cruciais que beneficiam ou dificultam este processo.

A presente pesquisa procurou trazer dados que possam auxiliar na aprendizagem dos alunos com deficiência visual (cegueira e baixa visão). Através do enfoque da percepção do próprio aluno em questão, do método de trabalho e sua relação com os professores.

Este trabalho justifica-se pela importância de compreender métodos, ou pelo menos, problematizarmos através da percepção da própria pessoa com deficiência visual. Aproximar-se da assertividade em relação às escolhas no processo de ensino aprendizagem com pessoas que tenham tal limitação.

Acredita-se que esta pesquisa não apenas impactará na vida acadêmica quando em contato com pessoas com deficiência visual, mas também na sociedade, pois trará da mesma forma uma visão de potenciais de pessoas, podendo assim também ser absorvidas pelo mercado de trabalho, claro que adaptado a sua realidade, porém não menos lucrativo e benéfico a nossa sociedade.

Almeja-se um grande alcance das áreas da vida em resposta a esta pesquisa, visando à interiorização sempre maior das pessoas com deficiência visual em nossa sociedade, buscando que também os órgãos públicos tomem providências maiores do que apenas a criação de estatutos, mas sim uma nova ideologia sobre como acessamos as informações que o mundo traz.

O principal objetivo da pesquisa é identificar a relação existente entre a pessoa com deficiência visual e o processo de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico a partir de sua percepção sobre essa relação. Com o entendimento das dificuldades e das potencialidades da pessoa com deficiência visual problematizar sobre os meios de comunicação, de conhecimentos no mundo acadêmico, que conseqüentemente geram mais oportunidades de inclusão as turmas do ensino superior.

Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa de tipo exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, foram levantados dados qualitativos e submetidos a análise pela revisão teórica que o pesquisador trouxe sobre o tema referido.

A relação profissional deste pesquisador com esta situação é facilmente visada em clínica, por ser psicólogo, procura-se na relação terapêutica, entender quais as relações estabelecidas pelo cliente. Neste caso específico a percepção deste em relação ao universo acadêmico. Assim, acredita-se que facilitará o próprio atendimento em relação a essas pessoas.

A composição deste artigo se dará com a apresentação de conceitos referentes ao tema sobre deficiência visual, apresenta-se a classificação de cegueira e baixa visão pela tabela desenvolvida pela Associação Brasileira de Visão Subnormal. No capítulo da fundamentação teórica um breve histórico é apresentado para compreender a evolução na história apenas para compreender a evolução do olhar da educação para o contexto educacional, onde passamos do coletivo para o ensino individual. E o toque individual com a diversidade de deficiências, que insere no contexto uma necessidade de rever sempre seus métodos de ensino aprendizagem. Outro campo que é base para a análise proposta, é a percepção (fenômeno de estudo), pois é através desta, apresentada pelos participantes, que os resultados da pesquisa foram obtidos e discutidos no capítulo análise e discussão de resultados. Fazendo-se valer a análise para uma reflexão futura de nossos sistemas de ensino e como podemos melhorá-los.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A DEFICIÊNCIA VISUAL (CEGUEIRA E BAIXA VISÃO)

Para iniciar a exploração deste tema é importante que compreendamos a definição do que é uma pessoa com cegueira ou com baixa visão. A cegueira é caracterizada como uma deficiência visual pela incapacidade de reter informações do mundo pela visão. Existem dois tipos de deficiência visual; definimos: cegueira e baixa visão. A diferenciação delas está no campo visual. A pessoa considerada cega tem a acuidade, ou campo visual menor que 0,1 com menos de 20 graus. Já a com baixa visão é definida por 6/60 e 18/60 de acuidade, entre 20 e 50 graus. Estas são as medidas que definem o grau da deficiência visual. Ainda é importante expor que a pessoa que fica cega antes dos cinco anos de idade é chamada de cegueira congênita, já os que perdem a visão a partir dos cinco anos de idade são considerados cegos adventícios (NUNES, 2008).

A Sociedade Brasileira de Visão Subnormal utiliza uma classificação da deficiência visual apresentada no quadro a seguir (LEAL, s.d).

Quadro 1:Classificação de Acuidade Visual

Classes De Acuidades Visual Classificação Icd-9-Cm (Who/Ico) Classificação	Acuidade Visual Snellen	Acuidade Visual Decimal	Auxílios
Visão Normal	20/12 a 20/25	1,5 a 0,8	Bifocais Comuns
Próxima Do Normal	20/30 a 20/60	0,6 a 0,3	Bifocais Mais Fortes Lupas De Baixo Poder
Baixa Visão Moderada	20/80 a 20/150	0,25 a 0,12	Lentes Esferoprismáticos Lupas Mais Fortes
Baixa Visão Severa	20/200 a 20/400	0,10 a 0,05	Lentes Asféricas Lupas De Mesa Alto Poder
Baixa Visão Profunda	20/500 a 20/1000	0,04 a 0,02	Lupa Montada Telescópio Magnificação Vídeo Bengala / Treinamento O-M
Próximo À Cegueira	20/1200 a 20/2500	0,015 a 0,008	Magnificação Vídeo Livros Falados, Braille Aparelhos Saída De Voz Bengala / Treinamento O-M
Cegueira Total	SPL	SPL	Aparelhos Saída De Voz Bengala / Treinamento O-M

Fonte:Leal, site da *Sociedade Brasileira de Visão Subnormal*, s.d.

A partir dos conhecimentos dispostos, toda a elaboração tem como finalidade descobrir a melhor forma de se viver, transformando o processo de vida mais leve e construtivo para o ser humano. Rebolças (*et al*, 2016, p. 73) afirma que:

Qualidade de vida é um conceito de amplo alcance afetado de um modo complexo não só pela saúde física, como também pelo estado psicológico, nível de independência, relações sociais e fatores ambientais. A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e percepções. Dessa forma, mensurar a qualidade de vida de um indivíduo diz respeito não só a avaliação do seu estado de saúde, mas, também, a compreensão do paciente centrada na percepção sobre o funcionamento dos diversos aspectos de sua vida.

Portanto, o explorar do conhecimento proporciona muito mais que classificações de situações, e sim, auxilia na assertividade com que trabalhamos, em pequenos atos, transformando o processo de cada ser humano a fim de lhes garantir maior dignidade de vida.

PERCEPÇÃO

Para a compreensão total do fenômeno investigado, o foco estará a partir de dois tipos de conhecimentos. O conhecimento científico e o conhecimento filosófico.

No campo psicológico podemos compreender a percepção como uma das formas de relacionamento da pessoa com o meio externo. Podendo ser alterado conforme seu histórico de vida. Conforme detalha o dicionário de Psicologia da APA (2010, p.695):

Percepção é o processo ou resultado de se tornar consciente de objetos, relacionamentos e eventos por meio de sentidos, que inclui atividades como reconhecer, observar e discriminar. Essas atividades permitem que os organismos se organizem e interpretem os estímulos recebidos em conhecimento significativo.

Para a filosofia o conceito pouco difere, e muito comunga com a ideia de experiência própria, como afirma Smith (2014, p.109): “Para nós, seres humanos, o conhecimento do mundo depende do bom funcionamento dos sentidos externos”.

Sendo assim, podemos começar a compreender que, a percepção, embora seja um conceito que se aplica a todas as relações que uma pessoa tem com o mundo exterior e interior, também pode ser completamente diferente entre um ser e outro. A percepção depende da subjetividade do sujeito.

Segundo Smith (2014, p.111):

Pode-se dizer que não existe uma única concepção de percepção, comum a todas as pessoas, que pessoas com idades diferentes e com diferentes graus de instrução podem ter concepções um pouco diferentes entre si, mas talvez caiba falar de algumas características muito gerais que delineiam algo como um conceito comum de percepção, embora vago e impreciso.

Sendo assim, se a percepção é diferente, também a forma de aprender será diferente, será própria de cada ser, pois a assimilação de algo dependerá da relação que o sujeito tem com o objeto, ou com o grau de importância que ele pode dar ao conhecimento novo em sua vida.

O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E INCLUSÃO NO AMBIENTE ACADÊMICO

O contexto educacional para beneficiar os alunos necessita do suporte adequado, segundo Duek *apud* Silveira (2012, p. 696) “entende-se que o modo como enfrenta depende do suporte institucional e acadêmico, e também de recursos psicológicos disponíveis para lidar com essa realidade”, por tanto, o investimento em atualização e pesquisas nessa área será sempre uma necessidade.

Segundo Mazzotta *apud* Leão; Gatti (2016, p.392):

Ao buscar na história da educação, informações significativas sobre o atendimento educacional dos portadores de deficiência, pode-se constatar que, até o século XVIII, as noções a respeito da deficiência eram basicamente ligadas a misticismo e ocultismo, não havendo base científica para o desenvolvimento de noções realísticas. O conceito de diferenças individuais não era compreendido ou avaliado.

Os benefícios que a transformação do contexto pode gerar; atinge principalmente aos que mais dificuldades têm com o atual modo de ensinar. Essa mudança tende a observar mais o indivíduo do que esperar que aprenda conforme o que se espera dele: “Em decorrência das grandes mudanças que estão ocorrendo na área educacional em geral, estamos passando da segregação à flexibilidade e à adaptação do sistema educativo” (PACHECO; COSTA, 2006, p.3). Com a ausência de um de algum dos sentidos, os outros tendem a ser mais treinados, portanto, quando ocorre a falta da visão, a pessoa tende a dar mais atenção a audição, olfato, paladar e tato.

Segundo Weid (2015, p.940):

Com a ausência da visão, os outros sentidos passam a existir e a serem estimulados na criança cega. A apreensão do mundo acontece fundamentalmente pela dimensão da experimentação, que é considerada essencial para o seu o corpo estendido de cegos: cognição, ambiente, acoplamentos, desenvolvimento. Se nos manuais o aprendizado pela visão é percebido como inato, natural, imediato, a aprendizagem de quem é cego precisa de experiência, de mediação, de atribuição de significado.

Com a capacitação adequada aos professores, esses que são mediadores das relações de ensino aprendizagem, pode-se estabelecer um ambiente sempre mais sadio para os alunos em geral. Um ambiente de verdadeira promoção do conhecimento, externo e interno. “O professor é tradicionalmente reconhecido como agente facilitador dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, mediando as experiências escolares” (RODRIGUEZ; BELLANCA, *apud* SILVEIRA 2012 p.696).

O processo de inclusão se dará a partir do avanço do conhecimento, quanto mais conhecemos o outro, mais o entendemos, mais perto dele podemos chegar. Pois na compreensão deixamos de vermos através daquilo que temos de diferença e percebemos que as semelhanças são muito maiores. “Os professores afirmaram que a política inclusiva não tem sido colocada em prática, com ênfase dada a recepção e integração de alunos. Os alunos não estariam sendo atendidos de forma diferenciada em respeito às necessidades apresentadas” (MAIA-PINTO; LEITH, *apud* SILVEIRA, 2012, p.699).

METODOLOGIA

A presente pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, sob o enfoque da deficiência visual (cegueira e baixa visão) objetiva identificar a relação existente entre a pessoa com cegueira e o processo de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico a partir de sua

percepção sobre essa relação. Para alcançar o objetivo proposto, foram levantados dados qualitativos e submetidos à análise pela revisão teórica que o pesquisador trouxe sobre o tema referido.

A obtenção de dados foi feita através de informações dispostas pelas instituições de ensino superior e/ou instituições para pessoas com deficiência visual. Depoimentos foram coletados através de entrevistas individuais com 09 pessoas atendidas pela Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais (AJIDEVI) e que estão matriculadas nas Universidades de Joinville e Região no ano de 2017.

A instrumentalização utilizada foi um questionário com perguntas abertas, que possibilitou a exploração do entrevistado com o tema. E um gravador de áudio para certificar-se da obtenção de dados importantes para esta pesquisa. A entrevista iniciou após a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e esclarecimento de possíveis dúvidas, considerando que os entrevistados são pessoas com deficiência visual este documento foi narrado pelo entrevistador e as assinaturas foram coletadas após a compreensão do entrevistado que é responsável por seus atos, o entrevistado assinou e autorizou a entrevista.

ANÁLISE

Os dados coletados circundam os primordiais questionamentos acerca do processo de ensino aprendizagem inclusivos no ambiente acadêmico, aqui especialmente a pessoa com deficiência visual. Os entrevistados responderam de forma espontânea e natural a cada questionamento ofertado pelo pesquisador, para que os dados estivessem de acordo com o proposto no objetivo da pesquisa: identificar a relação existente entre a pessoa com deficiência visual e o processo de ensino aprendizagem no ambiente acadêmico a partir de sua percepção sobre essa relação.

A fim de compreendermos a posição perceptiva dos participantes as questões foram categorizadas. Buscamos relacionar as respostas semelhantes a fim de posicionar a intensidade desta relação estabelecida pelos participantes da pesquisa. Resultando na comunhão de respostas, esboçaremos na análise três categorias que a pesquisa nos proporcionou. O primeiro eixo sobre a relação metodológica, o segundo a relação interpessoal, com colegas e professores, e o terceiro eixo, as propostas de melhorias em que a pessoa com deficiência visual percebe necessitar.

Sob o eixo metodológico, encontramos uma situação comum entre três dos quatro candidatos entrevistados, a realização da faculdade semipresencial (o quarto candidato não declarou o estilo de faculdade) e os demais argumentaram que o processo de escolha da faculdade semipresencial se deu por conta do uso de tecnologias e não por opção de estilo de ensino. R. M. S. declara na entrevista: “Eu preferia fazer presencial”. Não faremos aqui nenhuma classificação

de qualidade do ensino, apenas analisaremos a colocação sentimental do candidato. Pois esta declaração nos fornece a informação de que o candidato, por condições de sua deficiência, teve de optar por um estilo de ensino que não necessariamente seria a sua escolha.

Os candidatos falaram um pouco da forma atual de seus ensinamentos, como *slides*, materiais *on-line*, e vídeo aulas. Materiais estes que são dispostos a todos os acadêmicos dos ensinamentos semipresenciais. No entanto, este todo nem sempre engloba as pessoas que têm mais dificuldades. E sim apenas a carência de tempo para o deslocamento até a academia.

E. T.: “Recebo conteúdos em forma de texto. E também slides com figuras e o professor não se conscientiza que eu preciso de uma nota explicativa da figura. O portal do aluno é difícil de acessar”. No meio acadêmico encontramos dificuldades tecnológicas até mesmo para quem é vidente, e essa dificuldade se amplia quando não temos o principal sentido para que esta tecnologia fosse inventada. J. P.: “Temos ambiente de informática, porém não são muito acessíveis”.

Conforme vamos explorando as respostas dos candidatos também se vão percebendo que as dificuldades se ampliam no mundo de quem possui alguma limitação visual. Nesta declaração o ambiente físico é pontuado também como um obstáculo se não for pensado na acessibilidade total.

Temos ainda alguns que declaram estarem muito bem colocados dentro do contexto acadêmico, e encontram várias formas de acessarem o conhecimento, também por aparelhos tecnológicos. Que são uma ferramenta indispensável ao ensino desta nova era J. P. B.: “Eu uso gravador para gravar as aulas”.

Faz-se necessário que as universidades se adequem para receber esse público que cresce todos os anos. E quando o planejamento metodológico parte do aluno ele tende a ser mais eficaz. Pois o aluno é quem ensina o professor a ensinar para ele. Segundo Freire (2001, p.259): “O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições”.

Como declara um dos candidatos, J. P.: “Professores ótimos, e também vai da pessoa o interesse. A pessoa com deficiência visual tem que correr atrás, na questão da aprendizagem, e também o professor. É um trabalho de equipe!”.

Estas declarações acima nos norteiam ao princípio da modificação metodológica para nossos acadêmicos, e nos trazem ao que precisamos enaltecer na hora de criar um método de ensino, o conhecer o outro. Com estes dados podemos garimpar a relação interpessoal, que é o segundo eixo desta análise. A fim de aprofundarmos o conhecimento nesta criação de melhores métodos de ensino aprendizagem para o futuro.

Enquanto dois candidatos relatam terem um bom entrosamento com os professores e colegas, os outros dois expressam certa hostilidade de professores e colegas no início, hoje estando uma relação bem melhor.

Declara o entrevistado E. T.:

Professores não preparados. Falta de conhecimento da parte dos professores em métodos para nós que temos deficiência visual. O convívio com meus colegas é muito pouco e eles ficaram assustados em relação a minha deficiência, mas no decorrer do tempo fomos nos entrosando.

A pessoa com deficiência ainda é vista, por muitos, primeiramente pelo olhar da dificuldade, depois o da pessoa. Esta primeira impressão que temos se olharmos pela deficiência, nos impede de enxergarmos todas as possibilidades que circundam o outro, e impedimos ele de se desenvolver de outra maneira.

E finalmente o terceiro eixo, o que acredito ser o cerne de nossa pesquisa, a percepção e a fala sobre ela, da pessoa com deficiência visual para nossos professores e gestores. Traremos alguns pequenos, mas acreditamos que sejam, importantíssimos relatos dos candidatos participantes desta pesquisa. J. P.: “Utilizaria muita tecnologia como aplicativos de celular, e-mails, proporcionaria ambientes virtuais acessíveis, experiências fora de sala e melhoria nos estágios”; E. T.: “Computadores acessíveis. Ter acervo na biblioteca, o prédio acessível, pessoas capacitadas para lidar com essa situação. Conteúdos com descrição de imagem”; R. M. S.: “Compraria leitor de tela, digitalizar os materiais, e forneceria notebooks para estudarem na escola”; J.P.B.: “Lugar bem adaptado e com professores habilitados para dar aula para pessoas com deficiência visual”.

Acima de tudo, para formadores temos os desafios diários de compreender como ensinar da forma mais adequada, e esquecemos por vezes de deixarmos o aluno nos ensinar a ensiná-lo.

Diante das percepções e conhecimentos compartilhados pelos participantes da pesquisa, bem como da instituição AJIDEV, variadas evidências sobre o processo de ensino aprendizagem inclusivo são problematizadas. De maneira breve, finaliza-se com a fala de E.T.: “Cada um tem uma necessidade diferente”. Onde demonstra que a singularidade no processo é condição primordial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se com a pesquisa elaborada que, a facilitação no ensino aprendizagem, além da tecnologia, que com certeza auxilia muito principalmente neste caso de o aluno ter algum tipo de deficiência visual, além disto, observou-se que a relação estabelecida entre o professor aluno e colegas é de maior importância para que o processo ocorra com excelência.

Esta percepção que os participantes trouxeram, e que enriqueceram nossos conteúdos, pode facilitar o entendimento que, mais que técnicas para auxílio a pessoas com deficiência visual, é o lado humano que auxiliará neste processo, humanamente nos tornamos próximos, e assim tendemos a identificar os obstáculos que mais precisamos transpor para que o processo de ensino aprendizagem seja exercido com mais assertividade.

AGRADECIMENTOS

De modo singelo agradeço primeiramente a Deus que além de me proporcionar desenvolver capacidades, sempre colocou pessoas célebres que me auxiliaram no processo, como família e amigos. Agradeço também a professora Fernanda Dalonso que com dedicação ao nosso curso e a este projeto, me proporcionou uma nova visão de mundo, cada vez mais rica. E finalmente agradeço a toda a equipe da AJIDEV que abriram suas portas através do presidente Leonardo, para que este artigo pudesse ser criado.

REFERÊNCIAS

- DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA. *American Psychological Association*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estud.*, São Paulo, v.15,n.42, May/Aug. 2001.
- LEAL. D. N. B. *Sociedade Brasileira de Visão Subnormal*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.cbo.com.br/subnorma/conceito.htm>>. Acesso: 03 out. 2017.
- LEÃO, W. J; GATTI, G. C. do V. História de uma instituição educacional para o deficiente visual: o Instituto de Cegos do Brasil Central de Uberaba (Minas Gerais, Brasil, 1942-1959). *Revista História da Educação*, Online, v. 20, n. 50, set./dez. 2016.
- NUNES, S da S.; LOMÔNACO, J. F. B. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos:caminhos de aquisição do conhecimento.*Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 12, n. 1, Jun. 2008.
- PACHECO,R. V.; COSTA,F. A. T. C. O processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade Federal de Santa Maria. *Revista Educação Especial*.Santa Maria, n. 27, p. 151-167, 2006.
- REBOUÇAS, C. B. de A; et al. Avaliação da qualidade de vida de deficientes visuais.*Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 1 jan./fev. 2016.
- SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; ROSA, E. M. Concepções de Professores Sobre Inclusão Escolar e Interações em Ambiente Inclusivo: uma Revisão da Literatura. *Revista Brasileira Ed. Especial*, Marília, v. 18, n. 4, p. 695-708, Out./Dez., 2012.
- SMITH, P. J. A percepção como uma relação: Uma análise do conceito comum de percepção. *Revista de Filosofia Analytica*, Rio De Janeiro, v. 18, n. 1, 2014.
- WEID, O. V.D. O corpo estendido de cegos: cognição ambiente, acoplamentos. *Revista Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, Dez, 2015.